

Revista dos Encontros Literários Moreira Campos



Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará

Acervo do Escritor Cearense

<http://encontrosliterarios.ufc.br/>

PERSONALIDADES NARCISISTAS: DESVALORIZAÇÃO DO PASSADO E CRISE CULTURAL

DAMASCENO, André Barbosa¹

SILVA, Odalice de Castro²

Universidade Federal do Ceará

INTRODUÇÃO

Gestado de várias leituras realizadas em nossos encontros do grupo de estudos, esse trabalho tem o objetivo de levar aos leitores informações precisas e conclusões alicerçadas em vários autores, que estudando perfazem um caminho de pesquisas até chegar a esse tema que trazemos à tona. Talvez o nosso leitor já tenha se perguntado, por que, diante de tantas tecnologias e avanços na contemporaneidade, os indivíduos nos parecem menos informados, menos formados, sem perspectivas de futuro, sem visualização de projetos de vida a longo prazo. O *Narcisismo* é o tema que vamos estudar nesse trabalho e que brotou da leitura do livro *A Derrota do Pensamento*,

¹ Graduando do Curso de Letras 10.º semestre.

² Pós-Doutora pela Universidade de Coimbra e UFPB

de Alain Finkielkraut (1987), precisamente da parte primeira do livro intitulada ‘O enraizamento do espírito’, no capítulo ‘O explosivo mais perigoso dos tempos modernos’.

A leitura do livro acima citado, que vai mostrando a decadência do pensamento, antes tão exaltado pelo Iluminismo, nos leva para situações insustentáveis deflagradas pelo Pós-Modernismo, isso pelo fato do Racionalismo ter destruído as colunas mestras da sociedade e, em seu lugar, não ter erguido nenhum apoio. A Religião, a Família, as Instituições, todas foram abaladas. O homem, assumindo o lugar de Deus, produziu grandes criminosos sociais na história, legitimado pelo ‘preconceito’ da raça. (Não entender esse preconceito com o mesmo significado que temos hoje para ele, mas compreendê-lo como conceito primeiro das coisas). O resultado dessa pretensão humanista, iluminista e racionalista foi o que Alain Finkielkraut chamou de *Volksgeist* ou *Espírito Nacional*. Acreditamos que citando tão esclarecido exemplo, como o de Hitler, não é necessário explicar porque o *Volksgeist* é o explosivo mais perigoso, considerado por Finkielkraut.

Quem pensa o progresso são os iluministas, como a filosofia de mudança que vai contra todo o mundo medieval, ou seja, é uma ruptura em todos os aspectos desse tempo, como por exemplo: nas artes, nas ciências, na economia e na política. O iluminismo é o progresso que gera o determinismo, que justifica o otimismo, que ilumina os tempos modernos na marcha pela conquista do futuro. “Uma metáfora para o utopismo será o sonho do paraíso terrestre ou o céu na terra” (KUJAWSKI, 1991, p.23).

Kujawski nos insere na crise deflagrada por esse progresso, e, por ela estar nos fundamentos da vida humana, pode representar deterioração do cotidiano, ou seja, o progresso, as tecnologias, as mudanças nas instituições, de modo especial nas famílias, na economia e na sociedade como um todo, ele gera um desequilíbrio na rotina cotidiana do homem. Podemos perceber que habitar hoje já não é o mesmo que outrora, começando pela moradia, ou seja, a troca de casas por apartamentos em condomínios fechados, e o mais chocante é que condomínio nos dá a ideia de coletividade, mas o que ocorre verdadeiramente é o que Kujawski chama de perda da coletividade, ou seja, o individualismo.

Caríssimos leitores, vocês devem-se estar perguntando onde entra o Narcisismo nesse contexto abordado? Respondemos que esse Espírito Nacional desvirtuado, e escamoteado pelo poder, fator decisivo para a ação de Hitler, trabalhou nos indivíduos de várias formas, e sua ação no decorrer das décadas chegou à atualidade de forma também muito preocupante. Quem nos conecta a essa realidade é a reflexão do filósofo Gilles Lipovetsky no capítulo intitulado ‘Narciso ou a estratégia do vazio’, de *A Era do Vazio* (2005). A exacerbada adoração e luta pela constituição de uma nação pura, sem misturas de raças, nos encaminhou para uma torta mentalidade narcisística, patologicamente identificada pelos psicólogos, depois do reconhecimento de Freud como grande

psicólogo na sociedade, que segundo Christofher Lasch em *A Cultura do Narcisismo* (1983) foi alterada pela atuação de alguns psicoterapeutas e suas aplicações desmedidas na emulação do ego nos indivíduos, além da carga altamente estimuladora da sociedade consumista moderna e pós-moderna nessas personalidades.

Dentro dessa discussão, no primeiro momento do presente trabalho, daremos ao leitor o conceito de narcisismo na perspectiva filosófica de Lipovetsky (2005), na transição antropológica e social do comportamento do indivíduo segundo Finkielkraut (1987), e da pesquisa sociológica realizada por Daniel Bell (1980). Em seguida traremos à discussão as causas do narcisismo no indivíduo, fundamentadas em Finkielkraut Lipovetsky C. Lasch e Daniel Bell, assim como suas contraposições teóricas em relação ao tema. Dos três primeiros autores, trabalharemos outro momento que denominamos de narcisismo pós-moderno, sustentando o conceito apresentado por Lipovetsky e a título de conclusão realizaremos uma reflexão comparativa entre seus postulados, ou seja, entre as teorias de Lipovetsky, Finkielkraut, C. Lasch e a literatura nas obras: *Benjamim* (1995) de Chico Buarque, *Robinson Crusoe* (1719) de Daniel Defoe, e *Cien años de soledad* (1967) de Gabriel García Márquez. Salientamos que nossa proposta nas considerações finais é puramente pedagógica e que ao mesmo tempo proporciona ao leitor o encontro das realidades sociais retratadas na ficção.

DISCUSSÃO DOS ELEMENTOS PROPOSTOS

O QUE É NARCISISMO?

O que é esse Narcisismo hoje? Pois, o exemplo de Hitler citado acima é apenas uma pequena ilustração diante de fatos egoístas e desumanos legitimados pela ‘razão louca’, como nos diz Paulo Rouanet (1987). E o que foi antes? E como chegou aos nossos dias? Segundo Lipovetsky, cada geração apresenta uma figura mitológica para representá-la, Narciso representa o pós-moderno.

Sabedores de que Narciso é a imagem representante de nosso tempo, resta-nos compreender o porquê. A perda da capacidade de explicar os diversos acontecimentos, como os eventos políticos, econômicos, domésticos, da mente e do comportamento representam para Alain Finkielkraut a derrota do pensamento; para Gilles Lipovetsky a era do vazio ou do excesso; para

Christopher Lasch, a pretensão de se igualar os indivíduos étnica e socialmente e para Daniel Bell o fim da ideologia política. As ideias iluministas caem, os seguidores dessa corrente tentaram substituir os fundamentos humanos, sociais e religiosos mais sólidos sem sucesso. Abalaram as bases construídas durante séculos, respaldados com os fundamentos racionalistas. Desestabilizaram muitos aspectos sociais, religiosos, mentais e comportamentais que ficaram ao longo do desenvolvimento de ideais racionalistas, sem explicações ou sem substituições sólidas, ocasionando um vazio nas atitudes e nos relacionamentos das pessoas. A partir dessa deterioração dos costumes, credos e sentimentos, expurgados pelo Racionalismo e, ou mal substituído pelo mesmo, entramos num processo de individualização. Desde a implantação do Humanismo a sociedade veio afunilando sua personalidade e seu comportamento em direção ao individualismo. Para Daniel Bell esse acontecimento ficou conhecido como a perda das ideologias.

Os Estados Unidos nos anos 60 elegeram o livro *O Fim da Ideologia*, de Daniel Bell (1980) com propriedade, como o balanço da trajetória seguida pela esquerda norte-americana, formada nos anos trinta e cujo apogeu dar-se-ia no início do pós-guerra e na década de cinquenta. Era reconhecido por enaltecer as virtudes do liberalismo e condenar abertamente o regime soviético. Bell não negava sua simpatia pelo socialismo, mas defendia uma orientação francamente socialdemocrata. Ele acreditava que se poderia viver na sociedade moderna sem a divisão de classes proposta por Marx, pois as pessoas já não se enquadravam mais nessa perspectiva, também acreditava na melhoria subsequente das condições de vida da massa trabalhadora sob o capitalismo.

Porém, o que nos levou à leitura de Daniel Bell foi sua posição em relação ao descrédito da popularidade das autoridades norte-americanas, credibilidade ameaçada de extinção por parte dos indivíduos norte-americanos. Bell acreditava que a ideologia acabara no campo político, pelo fato de no mundo ocidental existir certo consenso entre os intelectuais, como a aceitação do estado assistencial, a preferencia pela descentralização do poder, uma acolhida pelo sistema de economia mista e de pluralismo político. Para Lipovetsky a agitação política e cultural dos anos 60 ainda acarretava alguma mudança na “massa da coisa pública”; para ele, há uma desafeição generalizada que se expande no social e uma preocupação pelos interesses pessoais, que ele acredita não ter relação com a crise econômica. É nessa posição que o pensamento de Bell contrapõe Lipovetsky; o primeiro defende a determinação social das ideias e segundo acredita que há outra face da moeda, que é a esfera privada, que sobrevive nessa onda de apatia; “cuidar da saúde, desembaraçar-se dos ‘complexos’, esperar pelas férias: tornou-se possível viver sem ideais, sem finalidades transcendentais” (LIPOVETSKY, p.33, 2005).

AS POSSÍVEIS CAUSAS DO NARCISISMO

Após grandes acontecimentos ocasionados pelo fim da segunda guerra mundial, a sociedade americana passou para outra fase do individualismo. Antes, o individualismo era coletivo, cada nação tinha suas ideologias defendidas com orgulho e bravura, a sociedade pensava no que faria crescer seu povo, a busca de bens e desenvolvimento para cada país em sua particularidade, o enaltecimento de seus membros, seus políticos, seus teóricos, seus ídolos. Tudo que estava em sua nação era enaltecido, incensado e colocado no mais alto pedestal para se mostrar uma nação que valorizava conhecimentos científicos, tecnologias e outras novidades.

No segundo individualismo, há um esvaziamento do coletivo, segundo Lipovetsky mesmo que hoje as pessoas pensem em solidariedade, trabalhem em cooperativas, unam-se pela causa da meio ambiente, tudo isso é enganoso para o indivíduo pós-moderno, pois por mais que ele pense em grupo, sua personalidade trabalha com o eu. O indivíduo precisa estar próximo de pessoas que lhes garantam crescimento social, ações que o enalteçam e elevem sua autoestima. Daí Lipovetsky afirmar que a terapia, a psicologia trabalham no indivíduo a agudez do narcisismo. Pelo fato de, na terapia, alguns psicólogos buscarem sempre incensar o eu do paciente, pois o que interessa é o indivíduo ficar bem. Nesse caso, os pacientes não podem mais serem contrariados na sua sexualidade, nos seus costumes, ou maus costumes. Sexualidade desregrada, satisfação do ego, culto ao corpo, rechaço da velhice, luta para se conservar jovem, vitória sobre todos os tabus, pois para essa nova modalidade tudo é permitido, não se pode limitar os braços imaginários da permissividade pós-moderna.

Porém, não podemos pensar que Lipovetsky declara que esse comportamento seja a coisa pior que possa acontecer na vida dos indivíduos, não, ele acredita que essa é a forma que eles encontraram para viver melhor nesse mundo de mudanças tão conflitantes e tão efêmeras, que muitas vezes não deixam o indivíduo interiorizar os câmbios, nem a rapidez das informações; a efemeridade do consumismo projetaram indivíduos com a capacidade de sobreviver nesse contexto, ou seja, o narcisista é uma adaptação do indivíduo aos tempos pós-modernos.

Para Lipovetsky, a segunda revolução individualista, que ele elenca como “privatização ampliada, erosão das identidades sociais, desgaste ideológico e político, desestabilização acelerada das personalidades” gerou o narcisista pós-moderno que tem sede de se libertar das amarras da organização social punidora, castradora e controladora. Esse indivíduo almeja uma perspectiva comparativa e histórica numa linha diretiva com o senso do novo, usando as próprias palavras de Lipovetsky, os indivíduos pós-modernos querem se libertar da ordem “disciplinar-revolucionária-

convencional” que estava ainda em voga nos anos 50.

Tanto Lipovetsky como C. Lasch, em seus trabalhos, apresentam as personalidades narcisistas ligadas à “perda do sentido da continuidade histórica”. As personalidades narcísicas afastam de si suas relações com as tradições e com a posteridade, elas não querem carregar as preocupações que o passado lhes traz e não querem saber do porvir, querem viver agora, como se fosse possível viver sem passado e sem pensar no futuro. Os acontecimentos históricos, como a derrota do Vietnã, o caso Watergate, o terrorismo internacional e também a crise econômica, a escassez de matérias-primas, a angústia nuclear, os desastres ecológicos, provocaram uma insegurança muito grande nos indivíduos, minando a confiança dos representantes políticos, criando um clima de pessimismos e de catástrofe iminente, que explica o desenvolvimento das estratégias de sobrevivência que comprometem a saúde física e psicológica do indivíduo. O sentido de pertença a uma história familiar e tradicional do passado foi abandonada, da mesma forma que abandonaram os valores e as instituições sociais.

Apesar de em seu livro *O Fim da Ideologia*, Daniel Bell nos parecer um tanto cético e um tanto generalizador, sendo nós sabedores de que toda generalização é perigosa, tomamos, como também tomou Lipovetsky, um pouco da teoria de Bell, uma vez que os dados históricos nos situam no contexto dos anos 60, ou seja, é a partir dessa data que se começa a observar as características que nos levarão para diagnosticar o narcisismo. É Bell, no livro citado acima quem inicia a trajetória das personalidades narcísicas. E Lipovetsky é quem acomoda nesse contexto de pós-tudo, pós-história, pós-ideologia, pós-moralismo os indivíduos que adentram numa sociedade *self-service* de valorização dos desejos, de liberação dos prazeres e de produção do corpo, sufocando as ideias passadas de sacrifício e castigo.

Outra contribuição de Daniel Bell é sua radicalidade na concepção de crer que tudo se desenvolve por vias sociais, ele acredita que toda essa mudança é ocasionada tão somente pelos fatores sociais deflagrados nos meados dos anos 50 e 60. Daí, Lipovetsky contrapor-se ao pensamento de Bell, uma vez que ele acredita, como C. Lasch, que esses acontecimentos têm uma participação social muito grande, porém, não se pode negar a grande influência psicológica e cultural nos indivíduos.

O INDIVÍDUO NARCISISTA PÓS-MODERNO

Sublinha-se o narcisismo contemporâneo nessa concepção Lipovetskyana de profundo vazio ou de grandes excessos a frase mais assustadora, mais desesperadora e nova que aflige

milhares de indivíduos é segundo Lipovetsky “Se pelo menos eu pudesse sentir alguma coisa”. Nos indivíduos com idade entre vinte cinco e trinta anos, parece ser unânime o ponto de vista de quase todos os psicólogos, ao afirmarem que as neuroses que prevaleciam no século XIX, como histerias, fobias e obsessões não preenchem mais os itens patológicos contemporâneos reveladores do narcisismo, acredita-se que essas neuroses tomaram corpo e se transformaram em novos sintomas, conhecidos como as perturbações narcisística. “Perturbações do caráter que se manifestam por meio de um mal-estar difuso e invasor, de um sentimento de vazio interior e de absurdo da vida, de uma incapacidade de sentir a vida e as pessoas” (LIPOVETSKY, p.33, 2005).

Quando as personalidades narcisística atuam, esses indivíduos desejam um desapego emocional para não correrem o risco de se perderem em seus relacionamentos, em suas relações de trabalho e etc. Eles procuram vivenciar relacionamentos interindividuais, que não tenha profundidade de sentimentos, de cumplicidade. Por isso, o vazio nos casamentos relâmpagos, sem solidez, famílias despedaçadas e remendadas em segundas e terceiras uniões. O indivíduo deseja não se sentir vulnerável, ele quer ter independência afetiva, viver só, é esse o perfil de Narciso. O que é mais agravante é saber que a pornografia, o feminismo e a liberação sexual, para Lipovetsky são formas de proteção contra as emoções e uma maneira de distanciar as intensidades afetivas.

Nessa perspectiva, o indivíduo quer se libertar de seu passado. Suas reminiscências são pedras de tropeço nesse novo caminho a percorrer, é necessário esvaziar todas as lembranças, ligações familiares e tradições, e tudo que caracterizava esse indivíduo anteriormente é exumado por ele mesmo, para que ele inicie do vazio ou do excesso de si mesmo um novo modo de viver. Porém, o indivíduo não consegue seu intento, seu esforço ocasionará uma solidão acompanhada, ou seja, diante de tantas possibilidades de encontros, o indivíduo recolhe-se cada vez mais no seu eu, nesse momento aparecerá o vazio, a dificuldade de sentir, de ser transportado para fora de si mesmo, pois, esse indivíduo continuará sentindo necessidade de ter um relacionamento afetivo, continuará sentindo necessidade de ter uma família, ele precisa de seu passado para escrever sua história no presente. A falta de todo esse mecanismo psicossocial afeta o indivíduo em sua personalidade e o leva a buscar ‘experiências’, experiências emocionais fortes que para Lipovetsky (2005) significam a *Desolação de Narciso*, pois o indivíduo se pergunta, “por que eu não posso amar e vibrar”?

O narcisismo nos nossos dias tende a ser confundido em sua causa e efeito, pelo fato de ser atribuído ao privatismo que deriva da desintegração da vida pública. As críticas atuais não conseguem perceber também o lado psicológico do narcisismo e acabam como Daniel Bell (1960), utilizando somente o lado social. Porém, é importante que tenhamos o conhecimento dos dois lados. Evidentemente, nesse trabalho não vamos explorar todo conteúdo psicológico que exige uma

personalidade narcisista, mas vamos utilizar todas as possibilidades possíveis para que cheguemos ao cerne de nossa abordagem.

É bom que saibamos que o conceito primeiro que Freud (1910) deu ao narcisismo estava ligado a libido e que essa tinha sua origem no ego. Depois houve outras modificações nessa teoria freudiana, mas o que é realmente importante sabermos é que a libido continua sendo um impulso incontestável nas personalidades narcísicas. Sabemos que os homens sempre foram egoístas, os grupos foram sempre etnocêntricos e um rótulo psiquiátrico nesses casos não faz diferença alguma, porém, as desordens de caráter e patologias claras, como vemos em nossos dias, junto com a mudança na estrutura da personalidade, influenciada pelas mudanças bem específicas em nossa sociedade e cultura, como: alterações burocráticas, proliferações de imagens, de ideologias terapêuticas, da racionalização da vida interior, do culto ao consumismo, da mudança na vida familiar, assim como de padrões variáveis de socialização são fatores que nos levam ao narcisismo psicossocial.

Segundo C. Lasch, ignorar a dimensão psicológica é uma perda nos trabalhos primorosos de alguns teóricos que quiseram levar o narcisismo somente pela vertente social. Eles deixam de explorar os traços psíquicos, os quais, de forma menos externa, aparecem com bastante profusão na vida cotidiana de nossos dias. Nosso teórico aponta a dependência do outro ou o medo da dependência, a sensação de vazio interior, ódio reprimido sem limites, e desejos orais insatisfeitos, como sintomas de um narcisismo latente. Junto a essas formas escondidas no âmago do homem pós-moderno, temos os fatores externos que são: sedução calculada, humor nervoso e autodepreciativo. Essas realidades são traduzidas nas realidades mostradas pelas atitudes desses indivíduos, como: temor intenso da velhice e da morte, o senso de tempo alterado, o fascínio pela celebridade, o medo da competição, o declínio do espírito lúdico, as relações deterioradas entre homens e mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tanto C. Lasch, quanto Lipovetsky, em seus trabalhos, responderam à questão principal de nossa pesquisa. Precisávamos saber por que num contexto tão evoluído social e tecnologicamente, os indivíduos estavam e estão tão apáticos, não valorizam as facilidades que se apresentam hoje? Da pesquisa feita no livro de C. Lasch a resposta veio de sua concepção narcísica psicológica e social, na qual o indivíduo procura dar relevo aos aspectos sociais irrelevantes e suscita um culto pessoal a figuras de grande expressão social, artística ou do esporte. Outra resposta

desse teórico é seu questionamento ao modelo de progresso e a natureza da cultura e da democracia dos Estados Unidos, sua exportação de modelos para outras sociedades. C. Lasch questiona uma sociedade que se nivela intelectualmente, que perde seus direcionamentos democráticos e que sonha com a formação de uma nação constituída por indivíduos de mesma etnia, nível social, cultural e intelectual.

A resposta de Lipovetsky nos leva ao questionamento: é excesso ou é vazio? Nas religiões, os fieis são fieis? Temos um sem números de fieis transitando entre diversas filosofias importadas de outras nações, que ao serem questionados dizem, sou cristão, mas tenho alguns cristais para dar sorte, faço yoga e desenvolvo meus chakras. É excesso ou é vazio? Os leitores poderem ler diversas obras que estão disponíveis ao domínio público e se contentarem apenas com os resumos disponíveis na internet? Vivemos num contexto de informação e expressão, essas são as duas categorias que processam o pós-modernismo em mutação. Todas as pesquisas tratadas no livro *A Era do Vazio* (2005) respondem nossa pergunta, pois, esta focaliza os problemas que angustiam os indivíduos. O consumismo avassalador que enfraquece a sociedade, os costumes e o indivíduo exige um emergente modo de socialização e de individualização rompendo com tudo o que foi instituído nos séculos XVII e XVIII. A proliferação de imagens e de informação, o culto dos valores hedonistas, permissivos e psicológicos somados com as crises econômicas, políticas, sociais e ecológicas desenvolvem uma desestabilização acelerada na personalidade dos indivíduos, provocando uma ‘segunda revolução individualista’, para Lipovetsky, desencadeada nas personalidades narcisistas.

Toda essa discussão que tratamos teoricamente a Literatura já nos havia proporcionado nas edições de grandes clássicos ou em obras literárias pouco lidas. Nosso leitor pode verificar a modificação da personalidade narcísica do personagem Benjamim Zambraia criado por Chico Buarque no livro *Benjamim* (1995). Os aspectos sociais e psicológicos são visíveis nesse personagem. Buarque apresenta um homem envelhecido que não aceita a realidade futura, que luta para estagnar a juventude que ainda lhe resta. Um personagem imerso no crescente consumismo, na adoração do corpo e da moda que dita padrões. Vemos em Benjamim Zambraia um modelo fracassado que já não adequa aos padrões exigidos pelo mercado, uma vez que ele mesmo não se encontra nessa nova realidade que se apresenta diante dele.

Outro exemplo literário que nos situa nesse assunto e nos mostra uma grande distinção de pensamentos e posicionamentos é o clássico *Robinson Crusoe* (1719) de Daniel Defoe. O que nos atualiza com esse personagem é a imagem individualista do mesmo, apesar da situação em que se encontrava. Segundo a crítica, talvez esse personagem tenha sido criado para denunciar a sociedade da época que já vinha sofrendo algumas modificações, que colocava alguns escritores

mais atentos em alerta, no caso temos Defoe. Conhecendo seu histórico belicoso e revolucionário, nos deparamos com um personagem desiludido com o estado de civilização vigente, porém, com uma atitude diferenciada dos nossos contemporâneos. Robinson no seu individualismo constrói uma nova vida dos escombros de sua vida passada, ou seja, ele traz todo sua história passada, suas lembranças e objetos que lhe possibilitam uma nova reaprendizagem. Os narcisistas negam seu passado e tudo que possa trazê-lo à tona.

Junto ao personagem de *Robinson Crusoe* (1719), temos a saga de Gabriel García Márquez em *Cien años de soledad* (1967). Dessa grande obra poderíamos destacar muitos exemplos para ilustrar nosso trabalho, porém, sublinhamos o momento em que o autor apresenta uma epidemia que assola toda a comunidade de ‘Macondo’. ‘El insomnio’, doença que deixava todos despertos e com os olhos secos vinte e quatro horas, não se podia dormir. Além de outros males, ‘el insomnio’ provocava um esquecimento profundo das coisas passadas, eles só lembravam do que se passava no momento presente de sua existência. Essa epidemia em ‘Macondo’ nos coloca dentro do cerne pós-moderno, um apagamento nas construções passadas sem alimentar perspectivas futuras. Todas essas ilustrações literárias tanto enriquecem nosso trabalho, quanto provam a ação literária no cotidiano do indivíduo.

REFERÊNCIAS

BELL, Daniel. **O fim da ideologia: pensamento político**. Vol. 11. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1980. [Coleção pensamento político]. www.videeditorial.com.br/.../o-fim-da-ideologia-de-daniel-bell.html acesso dia 08/04/2013.

BUARQUE, Chico. **Benjamim**. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

DEFOE, Daniel. **Robinson Crusoe**. Trad. Flávio P. de F. e Costa Neves. São Paulo: Editora Martins Claret, 2005.

FINKIELKRAUT, Alain. **A derrota do pensamento**. Trad. Mônica Campos de Almeida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

KUJAWSKI, Gilberto de Melo. **A crise do século XX**. 2 ed. São Paulo: Editora Ática, 1991.

LASCH, Christopher. **A cultura do Narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio**. Trad. Pavaneli, Ernani. Rio de Janeiro: Imago, 1983. [Série Logoteca].

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. Trad. Deutsch, Therezinha Monteiro. Barueri, SP: Manole, 2005.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cien años de soledad**. Edición conmemorativa, Real Academia Española, Asociación de Academias de la Lengua Española, 2007.

ROUANET, Sérgio Paulo. **As razões do iluminismo**. São Paulo: Companhia das letras, 1987.

Resumo:

Este trabalho tem por objetivo tornar conhecidos diversos comportamentos de personalidades narcisistas, que foram se modificando de acordo com a evolução sócio-econômico-cultural do indivíduo no cotidiano no período pós-moderno. Por meio desse tema específico, estudaremos o problema conforme abordado por Gilberto de Mello kujawski em *A Crise do Século XX* (1995). Mostraremos a reflexão do filósofo Gilles Lipovetsky no capítulo intitulado ‘Narciso ou a estratégia do vazio’, de *A Era do Vazio* (2005). Para sustentar nossa discussão, trabalharemos com as propostas de Christopher Lasch em *A Cultura do Narcisismo* (1983). Nosso trabalho está embasado no pensamento filosófico de Lipovetsky, porém, contraporemos à sua leitura o pensamento de Daniel Bell, teórico citado constantemente em *A Era do Vazio* (2005). O leitor desse trabalho também encontrará nos personagens Benjamin Zambraia, de Chico Buarque e Robinson Crusoe, de Daniel Defoe, como também na epidemia ‘del insomnio’ desenvolvida por Gabriel García Márquez em *Cien años de soledad*, suportes metodológicos e pedagógicos comparativos, com a finalidade de observarmos mudanças nos indivíduos provocadas pelos inúmeros acontecimentos sociais, econômicos e culturais. Nossa pretensão é mostrar ao leitor desse trabalho o desenvolvimento comportamental narcísico na evolução da sociedade, numa perspectiva filosófica, literária e sociológica. Temos também o objetivo de despertar em nosso leitor a reflexão e o entendimento individualizados das muitas crises que vivenciamos no cotidiano.

Palavras-chave: Filosofia. Comportamento. Narcisismo. Literatura. Pós-Moderno.